

O
HOMEM
DE
GIZ

o
HOMEM
DE
GIZ

C. J. TUDOR

TRADUÇÃO DE ALEXANDRE RAPOSO



Copyright © C. J. Tudor, 2017

TÍTULO ORIGINAL
The Chalk Man

PREPARAÇÃO
Marina Góes

REVISÃO
Rayana Faria
Frederico Hartje

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA
ô de casa

CONCEPÇÃO DE LETTERING
Studio Jan de Boer

ADAPTAÇÃO DE LETTERING
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T827h

Tudor, C. J.

O homem de giz / C. J. Tudor ; tradução Alexandre Raposo. -
1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2018.
272 p. ; 23 cm.

Tradução de: The Chalk Man
ISBN 978-85-510-0293-3

1. Ficção inglesa. I. Raposo, Alexandre. II. Título.

18-47018

CDD: 823

CDU: 821.111-3

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Betty. As duas.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, obrigada a você, leitor, pela leitura. Por ter comprado este livro com seu dinheiro suado, por ter pegado em uma biblioteca ou pedido emprestado a um amigo. Seja como for que tenha chegado até aqui, obrigada. Sou eternamente grata.

Obrigada à minha agente brilhante, Madeleine Milburn por tirar meu manuscrito de uma pilha de lama e reconhecer seu potencial. Melhor. Agente. De. Todas. Obrigada também a Hayley Steed, Therese Coen, Anna Hogarty e Giles Milburn por todo o trabalho árduo e pela competência. Vocês são pessoas fantásticas.

Obrigada à maravilhosa Maxine Hitchcock, da MJ Books, por nossas conversas sobre cocô de criança e por ser uma editora tão inspiradora e perspicaz. Obrigada a Nathan Roberson, da Crown US, pelas mesmas coisas (menos as conversas sobre cocô de criança). Obrigada a Sarah Day pela edição do original e a todos da Penguin Random House pelo apoio.

Obrigada a cada um dos meus editores no mundo inteiro. Espero conhecer todos pessoalmente algum dia!

Obrigada, é claro, ao meu companheiro, Neil, por seu amor e apoio e por todas as noites que passou conversando com a parte de trás do laptop. Obrigada a Pat e a Tim por tantas coisas, e a minha mãe e meu pai por tudo.

Estou quase lá, prometo...

Obrigada a Carl, por ter me escutado tagarelar sobre o que eu escrevia quando eu era uma passeadora de cachorros. E por todas as cenouras!

Por fim, obrigada a Claire e a Matt, por terem dado um presente tão legal no segundo aniversário da minha filha: um balde de giz colorido.

Olha só o que vocês fizeram.

PRÓLOGO

A cabeça da garota estava apoiada em uma pequena pilha de folhas de tom marrom-alaranjado.

Os olhos amendoados estavam fixos na copa de figueiras, faias e carvalhos, mas não enxergavam os raios de luz que tentavam atravessar os galhos, salpicando o chão do bosque de dourado. Não piscavam enquanto reluzentes besouros corriam sobre as pupilas. Eles não viam mais nada, exceto a escuridão.

Perto dali, a mão pálida se projetava da pequena mortalha de folhas, como que pedindo ajuda ou se certificando de não estar sozinha. Mas nada estava ao seu alcance. O restante do corpo estava longe, escondido em outros pontos isolados do bosque.

Um galho estalou ali perto, alto como um fogo de artifício em meio ao silêncio, e uma revoada de pássaros emergiu da vegetação rasteira. Alguém estava se aproximando.

Ajoelharam-se junto à garota que nada via. Delicadamente, acariciaram seu cabelo e o rosto gelado com os dedos trêmulos de ansiedade. Então, pegaram sua cabeça, tiraram algumas folhas agarradas às bordas irregulares do pescoço e a guardaram com cuidado em uma mochila, aninhada entre alguns pedaços quebrados de giz.

Após um instante de reflexão, cerraram os olhos da garota. Depois, fecharam o zíper da mochila, levantaram e a levaram.

Algumas horas depois, a polícia e os peritos criminais chegaram. Eles numeraram, fotografaram, examinaram e finalmente levaram o corpo da garota para

o necrotério, onde permaneceu por várias semanas, como que à espera de ser completado.

Isso nunca foi feito. Houve extensas buscas, perguntas e apelos, mas, apesar de todos os esforços por parte dos detetives e dos homens da cidade, a cabeça nunca foi encontrada e a garota do bosque nunca voltou a ficar completa.

2016

Começemos pelo começo.

O problema é que nenhum de nós chegou a um acordo sobre quando de fato tudo começou. Foi quando Gav Gordo ganhou o balde de giz de aniversário? Quando começamos a desenhar figuras de giz ou quando elas começaram a aparecer do nada? Foi aquele acidente terrível? Ou quando encontraram o primeiro cadáver?

Há vários inícios. Acho que qualquer um deles poderia ser chamado de começo. Mas, na verdade, acredito que tudo começou no dia da feira. Esse é o dia de que mais me lembro. Por causa da Garota do Twister, obviamente, mas também porque foi o dia em que tudo deixou de ser normal.

Se o nosso mundo fosse um globo de neve, esse foi o dia em que algum deus o pegou, sacudiu com força e colocou de volta no lugar. Mesmo depois de a espuma e os flocos terem assentado, as coisas nunca mais voltaram a ser como antes. Não exatamente. Podiam parecer iguais para quem olhasse através do vidro, mas, por dentro, tudo estava diferente.

Esse também foi o dia em que conheci o Sr. Halloran, então acho que ele é um começo tão bom quanto qualquer outro.

1986

— Hoje vai cair um temporal, Eddie.

Meu pai gostava de fazer a previsão do tempo com uma voz grave e impostada, como as pessoas na TV. Ele sempre falava com uma certeza absoluta, apesar de em geral errar as previsões.

Olhei para o perfeito céu azul pela janela, um azul tão brilhante que era preciso estreitar um pouco os olhos para vê-lo.

— Não parece que vai cair um temporal, pai — questionei com a boca cheia de sanduíche de queijo.

— É porque não vai cair nenhum temporal — retrucou minha mãe, entrando na cozinha súbita e silenciosamente, como uma espécie de ninja. — A BBC disse que vai fazer sol e calor durante todo o fim de semana... E não fale com a boca cheia, Eddie.

— Hummm — murmurou meu pai, que sempre fazia isso quando discordava da mamãe, embora não ousasse dizer que ela estava errada.

Ninguém ousava discordar da mamãe. Ela era — na verdade, ainda é — um tanto assustadora. Era alta, com cabelo curto e escuro e tinha olhos castanhos que podiam demonstrar alegria ou ficar quase negros quando estava furiosa (e, mais ou menos como no caso do Incrível Hulk, ninguém queria enfurecê-la).

Minha mãe era médica, mas não uma normal que dava pontos na perna das pessoas e lhes aplicava injeções para isso ou aquilo. Meu pai me disse certa vez que ela “ajudava mulheres com problemas”. Ele não especificou que tipo de problemas, mas eu supunha que deveriam ser muito graves para requererem ajuda médica.

Meu pai também trabalhava, mas em casa. Era redator de jornais e revistas. Não em tempo integral. Às vezes ele reclamava que ninguém lhe dava trabalho ou soltava, com uma risada amarga: “Não é o meu público este mês, Eddie.”

Quando criança, eu achava que ele não tinha um “emprego de verdade”. Não para um pai. Um pai deveria usar terno e gravata, sair para trabalhar pela manhã e voltar na hora do chá, no fim da tarde. Meu pai trabalhava no quarto de hóspedes, onde ficava diante do computador vestindo calça de pijama e camiseta, às vezes sem sequer pentear o cabelo.

Ele também não se parecia muito com os outros pais. Tinha barba grande, espessa, e cabelo comprido, que prendia em um rabo de cavalo. Usava bermudas jeans furadas, mesmo no inverno, e camisetas puídas com nomes de bandas antigas como Led Zeppelin e The Who. Às vezes também calçava sandálias.

Gav Gordo disse que meu pai era um “hippie maldito”. E provavelmente estava certo. Mas, naquela época, considerei aquilo um insulto, então o empurrei, ele me derrubou e cambaleei de volta para casa com alguns hematomas novos e o nariz sangrando.

Fizemos as pazes depois, é claro. Gav Gordo podia ser um pé no saco: ele era um daqueles garotos gordos que sempre têm de falar mais alto e ser o mais desagradável, para assim desencorajar os verdadeiros valentões. No entanto, também era um dos meus melhores amigos e a pessoa mais leal e generosa que eu conhecia.

— A gente cuida dos amigos, Eddie Monstro — disse ele certa vez, solenemente. — Os amigos são tudo.

Eddie Monstro era o meu apelido — porque meu sobrenome era Adams, como na *Família Addams*. Sim, o garoto da Família Addams se chamava Pugsley, e Eddie Monstro é um personagem de *Os Monstros*, mas aquilo fazia sentido na época e, assim como costuma acontecer, o apelido pegou.

Eddie Monstro, Gav Gordo, Mickey Metal (por causa do enorme aparelho nos dentes), Hoppo (David Hopkins) e Nicky. Essa era a nossa gangue. Nicky não tinha apelido porque era menina, embora se esforçasse ao máximo para fingir que não era. Ela xingava como um menino, subia em árvores como um menino e brigava quase tão bem quanto a maioria dos meninos. Contudo, ainda tinha a aparência de uma menina. Uma menina muito bonita, com cabelo longo e ruivo e a pele clara polvilhada de pequenas sardas marrons. Não que eu reparasse ou coisa do tipo.

Hávamos combinado de nos encontrar naquele sábado. Fazíamos isso quase todos os sábados, na casa uns dos outros, no parquinho ou às vezes até no bos-

que. Porém, aquele sábado era especial por causa da feira — que era realizada todos os anos, no parque, junto ao rio. Aquele foi o primeiro ano que tivemos autorização para irmos sozinhos, sem a supervisão de um adulto.

Esperamos ansiosos durante semanas, desde o dia em que espalharam os cartazes pela cidade. Haveria carrinhos bate-bate, um meteorito, um navio pirata e um Orbital. Parecia o máximo.

— Então — disse, terminando o sanduíche de queijo o mais depressa possível —, combinei de me encontrar com os outros na entrada do parque às duas horas.

— Bem, vá pelas ruas principais — orientou a minha mãe. — Não pegue atalhos ou fale com desconhecidos.

— Não vou falar.

Levantei da cadeira e fui até a porta.

— E vá de pochete.

— *Ah, manhê!*

— Você vai andar nos brinquedos. Sua carteira pode cair do bolso. Pochete. Sem discussão.

Abri a boca, mas fechei de novo. Senti o rosto queimar — eu odiava aquela pochete idiota. Turistas gordos usavam pochete. Com ela, os outros não iam me achar *descolado*, especialmente a Nicky. No entanto, quando minha mãe falava assim, realmente não havia como discutir.

— Tá bom.

Não estava nada bom, mas vi o ponteiro do relógio da cozinha se aproximando das duas horas e eu precisava sair. Subi correndo a escada, peguei a pochete idiota e guardei o dinheiro nela. Umás cinco libras no total. Uma fortuna. Então desci correndo.

— Até logo.

— Divirta-se.

Eu não tinha dúvida de que me divertiria. O sol estava radiante. Eu estava com a minha camiseta favorita e o tênis Converse. Ao longe já dava para ouvir o *tam-tam* da batida da música da feira e sentir o cheiro de hambúrguer e de algodão-doce. O dia seria perfeito.

Quando cheguei, Gav Gordo, Hoppo e Mickey Metal já estavam esperando nos portões.

— Ei, Eddie Monstro, bela pochete! — gritou Gav Gordo.

Fiquei vermelho de vergonha e mostrei-lhe o dedo médio. Hoppo e Mickey Metal riram da piada. Hoppo, que sempre foi o mais gentil, o conciliador, provocou Gav Gordo:

— Pelo menos não é tão gay quanto esse seu short, seu cuzão.

Gav Gordo sorriu, segurou o short pela bainha e fez uma dancinha, erguendo as pernas gorduchas bem alto, como uma bailarina. Com Gav Gordo era assim. Não dava para insultá-lo de verdade porque ele simplesmente não se importava. Ou, ao menos, fazia todos pensarem que não.

Apesar da intervenção de Hoppo, eu ainda achava a pochete idiota.

— Mas eu não vou usar esse negócio — falei.

Soltei a pochete, enfiei a carteira no bolso do short e olhei ao redor. Uma densa cerca-viva circundava o parque. Enfiei a pochete nela de modo que não fosse vista por um passageiro, mas não tão profundamente, para que pudesse recuperá-la mais tarde.

— Tem certeza de que vai deixar isso aí? — questionou Hoppo.

— Pois é, e se a sua *mamãe* descobrir? — provocou Mickey Metal naquele tom de voz antipático e cantarolado que lhe era peculiar.

Embora fizesse parte de nossa gangue e fosse o melhor amigo de Gav Gordo, nunca gostei muito de Mickey Metal. Seu temperamento era tão frio e tão feio quanto o aparelho que usava nos dentes. Mas, considerando-se o irmão que tinha, talvez isso não fosse tão surpreendente.

— Não me importo — menti, dando de ombros.

— E quem se importa? — questionou Gav Gordo, impaciente. — Dá para esquecer a maldita pochete e entrar no parque? Quero ser o primeiro do Orbital.

Mickey Metal e Hoppo começaram a andar — em geral fazíamos o que Gav Gordo mandava. Provavelmente porque ele era o maior e falava mais alto.

— Mas Nicky ainda não chegou — contestei.

— E daí? — disse Mickey Metal. — Ela sempre se atrasa. Vamos entrar. Ela encontra a gente lá.

Mickey tinha razão. Nicky *sempre* se atrasava. Mas esse não era o problema. Tínhamos que ficar todos juntos. Não era seguro andar sozinho pela feira. Principalmente no caso de uma garota.

— Vamos esperar mais cinco minutos — disse.

— Você *não pode* estar falando sério! — gritou Gav Gordo, fazendo a sua melhor (e mesmo assim muito ruim) imitação do temperamental tenista John McEnroe.

Gav Gordo fazia um monte de imitações, sobretudo de americanos. Todas eram tão ruins que nos faziam morrer de rir.

Mickey Metal não riu tanto quanto eu e Hoppo — não gostava quando a gangue se voltava contra ele. Mas isso não teve importância, porque, quando paramos de rir, uma voz familiar perguntou:

— O que é tão engraçado?

Todos viramos para olhar. Nicky estava subindo a colina em nossa direção. Como sempre, senti uma estranha vibração no estômago ao vê-la. Como se de repente sentisse muita fome e ficasse um pouco fraco.

Naquele dia, ela estava com o cabelo ruivo solto, caindo em um emaranhado pelas costas, quase roçando a borda do short jeans desbotado. Usava uma blusa amarela sem manga com florezinhas azuis no colarinho. Entrevi um brilho prateado em seu pescoço — uma pequena cruz em uma corrente. Carregava uma grande e pesada bolsa de juta nos ombros.

— Você está atrasada — repreendeu Mickey Metal. — A gente estava esperando. Como se a ideia tivesse sido dele.

— O que tem aí nessa bolsa? — quis saber Hoppo.

— Meu pai quer que eu distribua essa porcaria na feira.

Ela tirou um folheto da bolsa e o mostrou para nós.

Venha à Igreja de São Tomé louvar ao Senhor. Essa é a melhor de todas as atrações!

O pai de Nicky era o vigário da igreja local. Eu nunca tinha ido à igreja — meus pais não faziam esse tipo de coisa. Mas eu o via pela cidade: ele usava óculos pequenos e redondos, era careca e tinha o couro cabeludo coberto de sardas, igual ao nariz de Nicky. Ele sempre sorria e me cumprimentava, mas eu o achava um pouco assustador.

— Ora, isso é uma pilha de merda *fedorenta*, meu caro — disse Gav Gordo.

“Fedorenta” e “pilha de merda” eram algumas das expressões favoritas de Gav Gordo e por algum motivo costumavam vir seguidas de “meu caro”, que era dito com um sotaque refinado.

— Você não vai fazer isso, vai? — perguntei, de repente imaginando o desperdício de passar o dia inteiro atrás de Nicky enquanto ela entregava aqueles folhetos.

Ela olhou para mim de um jeito que lembrou um pouco a minha mãe.

— Claro que não, seu *bobo* — respondeu. — Vamos só pegar alguns, espalhar por aí como se as pessoas tivessem jogado fora e depois jogar o resto na lixeira.

Todos sorrimos. Não há nada melhor do que fazer algo que não devia e ainda enganar um adulto no processo.

Espalhamos os folhetos, jogamos a bolsa fora e fomos ao que interessava. O Orbital (que *realmente* era o máximo), os carrinhos bate-bate, onde Gav Gordo trombou tanto no meu carro que senti a coluna estalar. Os foguetinhos (muito emocionantes no ano anterior, porém agora um tanto chatos), o tobogã, o meteorito e o navio pirata.

Comemos cachorro-quente e Gav Gordo e Nicky tentaram fisgar patos — e assim aprenderam da maneira mais difícil que um prêmio garantido a cada tentativa não significa necessariamente um prêmio que você queira ganhar —, depois saíram dali rindo e jogando os bichos de pelúcia baratos um no outro.

A essa altura, a tarde já ia avançada. A emoção e a adrenalina começavam a diminuir, somadas à crescente percepção de que eu provavelmente só tinha dinheiro para mais duas ou três atrações.

Levei a mão ao bolso em busca da carteira. Meu coração foi parar na boca. Não estava mais ali.

— Merda!

— O que foi? — perguntou Hoppo.

— Minha carteira. Perdi.

— Tem certeza?

— É claro que eu tenho.

Enfiei a mão no outro bolso apenas para ter certeza. Ambos vazios. Droga.

— Bem, onde você a pegou por último? — perguntou Nicky.

Tentei raciocinar. Eu sabia que estava com ela depois de ter ido no último brinquedo, porque verifiquei. Aí compramos cachorro-quente. Não fui no Fisque um pato, então...

— A barraca de cachorro-quente.

A barraca de cachorro-quente ficava na outra extremidade da feira, na direção oposta ao Orbital e ao meteorito.

— Merda — repeti.

— Vamos lá procurar — sugeriu Hoppo.

— Para quê? A essa altura alguém já pegou — argumentou Mickey Metal.

— Eu posso lhe emprestar algum dinheiro — ofereceu Gav Gordo. — Mas não tenho muito.

Eu sabia que ele estava mentindo. Gav Gordo sempre tinha mais dinheiro do que o restante de nós. Assim como sempre teve os melhores brinquedos e a bicicleta mais nova e mais bonita. O pai dele era dono de um dos pubs locais, o The Bull, e a mãe era revendedora da Avon. Gav Gordo era generoso, mas eu também sabia que ele queria *muito* ir mais vezes nos brinquedos.

Fiz que não com a cabeça.

— Obrigado. Não precisa.

Precisava, sim. Dava para sentir as lágrimas ardendo atrás de meus olhos. Não era apenas por causa do dinheiro perdido: eu estava me sentindo idiota e tinha arruinado o dia. Sabia que minha mãe ficaria irritada e diria: “Eu avisei.” Por isso, falei:

— Vão vocês nos brinquedos. Vou voltar para dar uma olhada. Não faz sentido todos perderem tempo.

— Legal — disse Mickey Metal. — Vamos, então.

Todos se foram. O alívio deles era nítido — não era o dinheiro deles que tinha sido perdido nem o dia deles, arruinado. Atravessei a feira em direção à barraca de cachorro-quente. Ela ficava bem em frente ao Twister, que usei como ponto de referência. Não havia como não reparar naquela atração bem no meio da feira.

A música estava muito alta, distorcida ao sair das caixas de som antigas. Luzes multicoloridas brilhavam e as pessoas gritavam enquanto as gôndolas de madeira rodavam cada vez mais rápido no Twister.

Ao me aproximar, passei a olhar para baixo, avançando devagar, vasculhando o chão. Lixo, saquinhos de cachorro-quente, nada de carteira. Claro que não havia nem sinal dela. Mickey Metal estava certo: alguém já tinha encontrado e levado o meu dinheiro.

Suspirei, olhei para cima e vi o Homem Pálido. Obviamente esse não era o nome dele. Descobri depois que se chamava Sr. Halloran e que seria nosso novo professor.

Era difícil não notar o Homem Pálido. Para começar, ele era muito alto e magro. Usava calça jeans, camisa branca e chapéu de palha enorme. Parecia aquele antigo cantor dos anos 1970 de quem minha mãe gostava, David Bowie.

O Homem Pálido estava perto da barraca de cachorro-quente, tomando raspadinha com um canudo e observando o Twister. Bem... eu achei que ele estava.

Acabei olhando na mesma direção e foi quando vi a garota. Eu ainda estava aborrecido pela perda da carteira, mas também era um menino de doze anos com hormônios que mal tinham começado a entrar em ebulição. Nem sempre passava as noites no quarto debaixo das cobertas lendo histórias em quadrinhos à luz de uma lanterna.

A garota estava de pé com uma amiga loura que eu conhecia de vista da cidade (o pai dela era policial ou algo assim), mas minha mente logo a desprezou. É triste o fato de a beleza, a beleza genuína, eclipsar a tudo e a todos à sua volta. A Amiga Loura era bonita, mas a Garota do Twister — como

eu sempre pensaria nela, mesmo depois de descobrir seu nome — era linda. Era alta, magra, com cabelo longo e escuro e pernas ainda mais longas, tão lisas e bronzeadas que reluziam ao sol. Usava minissaia com babados e uma camiseta larga e cavada com a palavra “Relax” estampada sobre um top verde fluorescente. O cabelo estava preso atrás das orelhas e uma argola de ouro brilhava ao sol.

Fico um pouco envergonhado de confessar que a princípio não reparei muito em seu rosto, mas não fiquei desapontado quando ela virou para falar com a Amiga Loura. Era linda de doer, com lábios carnudos e olhos oblíquos e amendoados.

De repente, ela sumiu.

Em um minuto *ela* estava ali, seu *rosto* estava ali; no seguinte veio um barulho terrível de estourar os tímpanos, como se um animal enorme urrasse das entranhas da terra. Mais tarde, descobri que tinha sido o som do mancal do eixo do velho Twister se partindo após muito uso e pouquíssima manutenção. Vi um brilho prateado, e o rosto dela, ou metade dele, foi arrancado, deixando no lugar uma grande massa de cartilagem, ossos e sangue. Muito sangue.

Frações de segundo depois, antes mesmo que eu pudesse abrir a boca para gritar, algo enorme, roxo e preto passou zunindo por ali. Houve um estrondo ensurdecedor — uma das gôndolas do Twister se soltara, esmagando a barraca de cachorro-quente em meio a uma chuva de metal e estilhaços de madeira — seguido de mais berros e gritos enquanto as pessoas se atiravam para fora do caminho. Alguém trombou em mim e caí no chão.

Outras pessoas caíram em cima de mim. Pisaram no meu pulso. Levei uma joelhada na cabeça. Fui atingido por uma bota nas costelas. Gritei e de algum modo consegui me encolher e rolar no chão. Gritei de novo. A Garota do Twister estava deitada ao meu lado. Graças a Deus, o rosto estava coberto pelo cabelo, mas reconheci a camiseta e o top fluorescente, embora ambos estivessem encharcados de sangue. Mais sangue escorria pela sua perna. Um segundo pedaço de metal afiado atravessara o osso logo abaixo do joelho. A perna estava pendurada, presa apenas por tendões fibrosos.

Comecei a me arrastar para longe dali — ela com certeza estava morta. Eu não podia fazer nada. E foi nesse instante que ela estendeu a mão e agarrou meu braço.

Ela virou o rosto ensanguentado e destruído para mim. Em algum lugar em meio a todo aquele vermelho, um único olho castanho me encarava fixamente. O outro pendia frouxamente sobre a bochecha dilacerada.

— Socorro — murmurou. — Me ajude.

Eu queria correr. Queria gritar, chorar e vomitar ao mesmo tempo; e poderia ter feito essas três coisas se outra mão, grande e forte, não tivesse segurado meu ombro e uma voz calma não tivesse dito:

— Está tudo bem. Sei que você está com medo, mas preciso que escute com muita atenção e faça exatamente o que eu disser.

Eu me virei. O Homem Pálido estava olhando para mim. Somente então percebi que seu rosto sob o chapéu de abas largas era quase tão branco quanto sua camisa. Até os olhos eram de um cinza translúcido e enevoado. Ele parecia um fantasma, ou um vampiro, e, em qualquer outra circunstância, eu provavelmente teria tido medo dele. Mas naquele momento ele era um adulto, e eu precisava de um adulto que me dissesse o que fazer.

— Qual é o seu nome? — perguntou.

— Ed... Eddie.

— Certo, Eddie. Você está ferido?

Fiz que não com a cabeça.

— Que bom. Mas esta jovem *está*, então precisamos ajudá-la, certo?

Assenti.

— Eu preciso que você faça o seguinte: segure a perna dela aqui e aperte com força, bem firme.

Ele pegou as minhas mãos e as colocou ao redor da perna da garota, que estava quente e viscosa por causa do sangue.

— Entendeu?

Assenti de novo. Eu sentia o gosto do medo, amargo e metálico, na língua. Sentia o sangue jorrando por entre os dedos, embora apertasse o mais forte que podia.

Ao longe, muito mais longe de onde a origem dos sons de fato estava, eu ouvia música e gritos de alegria. A garota tinha parado de gritar. Agora estava imóvel e quieta, exceto pelo som baixo e áspero da respiração, mas até ele estava diminuindo.

— Eddie, você precisa se concentrar, certo?

— Certo.

Olhei para o Homem Pálido, que tirou o cinto da calça jeans. Era um cinto comprido, muito comprido para sua cintura fina, com buracos extras feitos para apertá-lo. É curioso como reparamos em coisas estranhas nos momentos mais terríveis. Como quando reparei que o sapato da Garota do Twister tinha saído. Uma sandália de plástico. Cor-de-rosa e purpurinada.

Então pensei que ela provavelmente não precisaria mais dele com a perna quase cortada ao meio.

— Você ainda está me ouvindo, Eddie?

— Sim.

— Bom. Estou quase terminando. Você está se saindo muito bem, Eddie.

O Homem Pálido pegou o cinto e o enrolou na coxa da garota. E o apertou com força, muita força. Ele era mais forte do que aparentava. Quase na mesma hora, senti o fluxo de sangue diminuir.

Ele me encarou e assentiu.

— Pode soltar agora. Eu cuido disso.

Soltei a perna da garota. Agora que a tensão passara, minhas mãos começaram a tremer e eu as enfiei sob as axilas.

— Ela vai ficar bem?

— Não sei. Com sorte, talvez consigam salvar essa perna.

— E o rosto? — murmurei.

Ele voltou a me encarar e algo naqueles olhos cinza-claros me fez calar.

— Você estava olhando para o rosto dela antes, Eddie?

Abri a boca, mas não soube o que dizer nem entendi por que a voz dele não soava mais tão amigável.

Ele desviou o olhar e disse baixinho:

— Ela vai sobreviver. Isso é o que importa.

Nesse momento, ouviu-se um forte trovão e as gotas de chuva começaram a cair.

Acho que foi a primeira vez que compreendi como as coisas podem mudar de uma hora para outra. Como tudo o que temos por certo pode ser arrancado de nós. Talvez seja por isso que peguei aquilo. Para ficar com alguma coisa. Para manter aquilo em segurança. Ao menos foi o que disse para mim mesmo.

No entanto, assim como um monte de coisas que dizemos para nós mesmos, provavelmente era apenas uma pilha fedorenta de merda.

O jornal local nos chamou de heróis. Levaram a mim e ao Sr. Halloran de volta ao parque para tirar uma foto nossa.

Incrivelmente, os dois ocupantes da gôndola que se soltou do Twister sofreram apenas fraturas, cortes e lesões. Outros passantes sofreram cortes mais sérios que precisaram de pontos, e houve mais algumas fraturas e costelas quebradas na correria para sair do caminho.

Até a Garota do Twister (cujo verdadeiro nome era Elisa) sobreviveu. Os médicos conseguiram reconectar a perna e, de algum modo, salvar o olho. Os jornais chamaram isso de milagre, no entanto, não falaram muito sobre como ficara o restante do rosto dela.

Como ocorre com todos os dramas e tragédias, o interesse pelo caso foi diminuindo aos poucos. Gav Gordo parou de fazer piadas de mau gosto (principalmente sobre pernetas), e até Mickey Metal cansou de me chamar de Garoto Herói e de perguntar onde eu tinha deixado minha capa. Outras notícias e fofocas se sucederam. Houve um acidente de carro na rodovia A36 no qual morreu o primo de um colega da escola e, então, Marie Bishop, do quinto ano, engravidou. E, como costuma acontecer, a vida seguiu seu rumo.

Não me importei muito. Na verdade, estava um tanto farto daquela história. Eu não era o tipo de garoto que gostava de ser o centro das atenções. Além disso, quanto menos falava sobre o assunto, com menos frequência tinha de me lembrar do rosto dilacerado da Garota do Twister. Passei a ter cada vez menos pesadelos. As idas secretas ao cesto de roupa suja com lençóis sujos de xixi tornaram-se menos frequentes.

Minha mãe me perguntou algumas vezes se eu queria visitar a Garota do Twister no hospital, no entanto, eu sempre respondia que não. Não queria vê-la outra vez. Não queria olhar para seu rosto dilacerado. Não queria que aqueles olhos castanhos me encarassem, me acusando com a verdade: *Eu sei que você ia fugir, Eddie. Se o Sr. Halloran não o tivesse agarrado, você teria me deixado lá, sozinha, para morrer.*

Acho que o Sr. Halloran foi visitá-la. Fez isso diversas vezes. Acho que tinha tempo sobrando, afinal, ele só começaria a dar aulas em nossa escola em setembro. Ao que parece, tinha preferido se mudar para o chalé que havia alugado com alguns meses de antecedência, para poder primeiro se instalar na cidade.

Foi uma boa ideia, na minha opinião. Deu a todos a chance de se acostumarem a vê-lo por perto, de esclarecerem todas as dúvidas antes de ele entrar em sala de aula:

O que há de errado com a pele dele? Os adultos explicaram pacientemente que o Sr. Halloran tinha *albinismo*. Isso significava que faltava a ele uma coisa chamada “pigmento”, que faz com que a pele da maioria das pessoas assuma uma cor naturalmente rosada ou marrom. *E os olhos?* A mesma coisa. Faltavam pigmentos. *Então ele não é*

uma aberração, um monstro ou um fantasma? Não, ele não é. Apenas um homem normal com um problema de saúde.

Eles estavam errados. O Sr. Halloran era várias coisas, mas normal não era uma delas.